

Mão do homem, mão da história - o fluxo histórico e as ações do homem na fundação da República brasileira

Aluno(a): Diana Sandes
Orientador(a): Berenice Cavalcante

I – Relatório Técnico:

Nesta primeira parte, tenho como objetivo explicitar as metodologias, atividades e leituras realizadas nos seis últimos meses em que o grupo esteve pesquisando no projeto “*Nem tanto ao mar, nem tanto à terra...*” *As modernas tradições brasileiras*, orientado pela professora Berenice Cavalcante.

• Práticas do grupo

Esta pesquisa é formada por três bolsistas do CNPq e sua orientadora. O grupo organiza reuniões semanais, sempre com a presença de todos acima citados, para discussões que permitam o desenvolvimento de nosso trabalho.

O grupo tem como base de suas discussões tanto textos teóricos, como documentais. Estes últimos são periódicos da primeira República brasileira e nos permitem, pois, realizar um riquíssimo trabalho pelo fato de termos contato com o imaginário formado pelos próprios contemporâneos dos primeiros anos da República no Brasil. Estes documentos recolhidos pelos pesquisadores são frutos de visitas também semanais realizadas à Biblioteca Nacional, em sua Seção de Periódicos.

Nos encontros realizados pelo grupo, buscamos entrecruzar teoria e documentação de forma a desenvolver e enriquecer o estudo acerca da primeira República do Brasil. Nas discussões desenvolvidas pelo grupo, partimos de pontos e chaves de análise específicas, previamente determinadas, e nunca deixando de lado informações presentes nos textos que possam ser relevantes ao desenrolar da pesquisa.

• Atividades desenvolvidas

O grupo participou, neste ano de 2006, do evento “PUC por um dia”, desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, através da apresentação de seminários.

• Leituras e discussões

Os textos teóricos por nós lidos e discutidos, cujo papel no desenrolar do projeto acima expus, foram os seguintes:

- STARLING, Heloísa. “*A República e o Subúrbio: Imaginação Literária e Republicanismo no Brasil.*” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.

- Sérgio Cardoso org. “Apresentação” In. Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.

- BIGNOTTO, Newton. “Problemas Atuais da Teoria Republicana” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004.

- CARDOSO, Sérgio; “*Por que República? Notas Sobre o Ideário Democrático e Republicanismo*” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2004

- LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in República no Catete. Rio de Janeiro. Museu da República, 2001.

- BELLO, José Maria. História da República – 1889-1954. São Paulo. Companhia Editora Nacional, sétima edição.

- **Levantamentos de fontes primárias**

O levantamento de fontes primárias, como dito anteriormente, é feito semanalmente em visitas à Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional. O tempo de pesquisa diária é de cinco horas, aproximadamente. Segue a lista dos periódicos estudados pelo grupo neste período:

O Paiz

Jornal do Commercio

Jornal do Brasil

Revista da Semana

Além disso, houve a leitura do romance *Canaã*, de Graça Aranha.

II – Documentos de trabalho

Trabalhos por mim elaborados de conclusões parciais no decorrer da pesquisa, de forma a sistematizar as informações e interpretações dos documentos. Dessa forma, maior facilidade e clareza encontro ao percorrer as questões escolhidos pelo grupo para análise, enriquecendo minha reflexão teórica.

Ver anexo I.

Estado da questão do projeto [agosto de 2005 a julho de 2006]

Aristides Lobo, ao se referir à proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, nos alerta para o alheamento e “bestialização” do povo diante do regime que surgia, para muitos, de forma inesperada. Tal perspectiva é amplamente difundida pela historiografia moderna, nos servindo como uma rica fonte de estudo sobre a República brasileira. É sobre esse mesmo aspecto que nos fala Renato Lessa, ao abordar o tema da *ausência*. De acordo com o autor, “*o que caracteriza a distância entre o “povo” e os eventos deflagrados com o 15 de novembro é um intransponível fosso existencial*”¹.

Agravando ainda mais as preocupações republicanas no que diz respeito ao surgimento e manutenção do regime, a esse quadro de ausência de apoio e participação de setores da sociedade brasileira somaram-se as manifestações de descontentamento logo na aurora do regime republicano. A instabilidade toma conta de grande parte do cenário brasileiro pós-proclamação, como bem nos ilustram os periódicos da época. Clama-se por ordem e o fim do clima anárquico daqueles dias. É o que podemos ver em um artigo do *Jornal do Commercio*, ao se referir ao quarto aniversário da proclamação da República: “*Ao recordar porém essa data, não podemos deixar de externar os nossos votos, pelo restabelecimento da paz, tão necessária à nossa Pátria, para prosperar e engrandecer-se*”². A Revolta da Armada, travada ainda no ano de 1893, é uma conhecida manifestação de descontentamento em relação ao regime e tomou conta de grande espaço dos periódicos por nós pesquisados, como podemos exemplificar pelo trecho transcrito a seguir, retirado de um artigo intitulado *Caos Social*, do *Jornal do Commercio*:

*“Desce mais baixo do que a esfera usual da fragilidade humana, o devastador e deletério espetáculo da morte, que há quase 70 dias contemplan os pacíficos habitantes deste esplêndido recinto.”*³

Partindo de tais questões, no presente trabalho buscarei construir uma discussão que tem como base principalmente os primeiros anos da República no Brasil, me estendendo, mais especificamente, ao ano de 1898. O recorte temporal nos situa no período em que, de forma mais aguda, se apresentam os objetos necessários a serem trabalhados.

É no quadro apresentado acima - tanto de ausência de participação popular quanto de descontentamento frente ao jovem regime - que torna-se evidente para os republicanos a necessidade de legitimar a República brasileira e angariar novos adeptos. Na arena política constituída entre as linhas dos periódicos da época, encontram-se diversas vertentes que, através de diferentes caminhos, partilhavam de objetivos bem próximos.

O primeiro exemplo encontra-se no argumento da inexorabilidade da forma republicana no curso da história brasileira. De acordo com tal vertente, o papel do homem no fluxo dos acontecimentos históricos era esvaziado de importância, a partir de um argumento que buscava naturalizar o surgimento da República no Brasil. Partindo de tal perspectiva, pretendia-se neutralizar as oposições que assombravam o jovem

¹ LESSA, Renato. “A invenção da República no Brasil: da aventura à rotina”, in *República no Catete*. Rio de Janeiro. Museu da República, 2001 (p. 11).

² *Jornal do Commercio*, 15 de novembro de 1893, Gazetilha

³ *Jornal do Commercio*, 15 de novembro de 1893, Publicações a Pedido

regime. Entende-se assim a afirmação de que qualquer mudança seria “*absolutamente imposta pela lei evolutiva do entendimento acessível à maioria*”⁴. Ainda corroborando com essa afirmação, está o exemplo a seguir:

*“Não se transforma de fato a natureza dos elementos constitutivos de uma sociedade, e nem se lhes pode imprimir de um momento para o outro direção inversa e oposta da que até então seguiam. A natureza não opera aos saltos, mas desenvolve-se e expande-se gradativamente sobre o influxo de leis inflexíveis e até certo ponto independentes da vontade humana.”*⁵

Mas a batalha pela legitimação do regime não para por aí.

Em um outro percurso, identifica-se um esforço de fundação da República tendo como base a adoção de uma perspectiva moderna de história. Para os defensores desta vertente, o regime recém proclamado representava o surgimento de um novo tempo, e virar as costas para o passado tornava-se sua parte estrutural.

A “revolução” de 1889 deveria representar, para estes, a fronteira de rompimento e distanciamento em relação ao passado brasileiro. É neste marco inaugural dos novos tempos que se situa o momento de fundação do regime. O império, neste caso, ficaria enterrado num velho tempo, que deveria ser esquecido pela República. Um artigo de 1890 nos traduz esse movimento através da constituição do par luz/sombra. O império sombrio cederá lugar à briosa República, por uma “*metamorfose súbita*”⁶

Um terceiro caminho partia de uma distinta compreensão do tema da fundação no intuito de construir a identidade entre o povo e a República brasileira. Este entendimento, por sua vez, já não adotava uma perspectiva moderna de história, como a descrita anteriormente. Em vez de dar as costas ao passado, buscava as tradições brasileiras. Enquanto neste caso o presente se guiava pelo passado, no outro, se guiava pelo futuro.

Neste sentido, é fundamental o papel representado pela história nessa postura de respeito ao passado, como nos mostram as linhas que se seguem, retiradas do jornal *O Paiz*:

*“A República fora sempre o ideal nacional, a quem com desprevenido espírito estudar a nossa história há de encontrá-la inspirando as primeiras insubordinações nos tempos da colônia (...)”*⁷

Newton Bignotto propõe uma rica reflexão a esse respeito. No texto “Problemas atuais da teoria republicana”, discute o papel da tradição e a forma como esta é utilizada pelos republicanos de acordo com seus objetivos. Em outras palavras, o historiador nos permite pensar sobre o papel da história na construção do tema da fundação nos primeiros anos da República no Brasil. Afinal, “*todo movimento de volta ao passado deve ser interpretado como uma tomada de posição no presente*”⁸. Apesar de o autor ir além dessa discussão, no momento me aterei apenas a este ponto.

É no passado que se irá buscar alguns dos mitos de fundação da República, como, por exemplo, a invenção de heróis nacionais. É o que afirma Bignotto: “*o ato*

⁴ O Paiz, 16 de novembro de 1893, Publicações a pedido

⁵ O Paiz, 12 de novembro de 1891, Seção Livre

⁶ Jornal do Comércio, 15 de novembro de 1890, Publicações a pedido

⁷ O Paiz, 15 de novembro de 1895, A festa da República

⁸ BIGNOTTO, Newton. “Problemas Atuais da Teoria Republicana” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004 (p. 19).

heróico faz parte da tradição republicana [...], ele serve para descrever um momento da vida política que é aquele da fundação”⁹

Tiradentes representa uma forte referência neste sentido, figurando o grande defensor da República desde os tempos das inconfidências: “*Nesse dia o completo e elevado ideal personificados em Tiradentes teve a sua última realização*”¹⁰. Outros heróis encontravam-se mesmo em um passado mais próximo, como é o caso dos dois primeiros presidentes da República, muitas vezes enaltecidos pelos periódicos de época, como a referência a Deodoro pode ser exemplar: “*Saúdo-vos, heróico soldado e iminente patriota, neste dia solene para o nosso Brasil*”¹¹

É também recorrente nos periódicos a referência a biografias dos presidentes e futuros presidentes da República do Brasil. Dessa forma, buscava-se tornar esses homens exemplos a serem seguidos e confiáveis, fazendo-os tomar forma de verdadeiros heróis nacionais. Nessas biografias, a partir da descrição do papel do candidato – ou presidente – no decorrer da história política brasileira, formava-se o caráter moral heroicizado do cidadão. “*Dessa forma, o debate era antes de mais nada político e moral para conservar um termo da época, e nulamente histórico*”¹². Muitas vezes a trajetória política desses homens não se limita aos tempos do regime republicano, chegando a fazer parte efetiva do governo monárquico. Esse é o caso do presidente Rodrigues Alves, e bem nos mostra sua biografia :

“Iniciada a nova situação liberal com o Visconde de Ouro Preto, havia sido o seu nome incluído na lista tríplice de senador por S. Paulo, quando a revolução de 15 de novembro vem pôr turno ao império.”¹³

No que concerne à construção do imaginário simbólico republicano, não se pode deixar de mencionar os esforços que se voltaram para a criação da bandeira e do hino nacional. José Murilo de Carvalho analisa as diversas propostas e justificativas em torno de escolha destes símbolos e a forma com que pretendiam manipular o imaginário coletivo do Brasil republicano. De acordo com o autor, “*não podia ser de outra maneira, de vez que são esses tradicionalmente os símbolos nacionais mais evidentes, de uso quase obrigatório.*”¹⁴ Ainda neste caminho, Newton Bignotto nos diz que

“mesmo se as condições ideais para a constituição de uma república nos moldes franceses ou americanos não estavam dadas, o que não escapou a muitos dos participantes dos primeiros anos do novo regime, vários grupos políticos tinham plena consciência de que a fundação de uma república exigia também um novo imaginário e um novo universo simbólico”¹⁵.

O jornal *O Paiz* noticia aos seus leitores, em 1891, o surgimento de uma nova proposta de bandeira nacional:

⁹ Idem (p. 38)

¹⁰ O Paiz, 15 de novembro de 1893, Quatro anos

¹¹ O Paiz, 16 de novembro de 1891, Avulsos

¹² BIGNOTTO, Newton. “Problemas Atuais da Teoria Republicana” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004 (p. 31)

¹³ O Paiz, 15 de novembro de 1902, Governo da República

¹⁴ CARVALHO, José Murilo de. “Bandeira e hino: o peso da tradição”, IN *A formação das almas. O imaginário da república no Brasil*

¹⁵ BIGNOTTO, Newton. “Problemas Atuais da Teoria Republicana” In. Sérgio Cardoso (org). Retorno ao Republicanismo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2004 (p. 35).

“ A bandeira tem a forma de um retângulo verde, no qual [ilegível] inscrito um losango amarelo, no centro está colocado um círculo azul, representando o aspecto do céu no dia 15 de novembro de 1889, às 9 horas da manhã, hora em que foi proclamada a República Brasileira. Estão o sol, a lua e as principais estrelas de maior [ilegível] dispostas como se achavam nas suas posições relativas acima do horizonte do Rio de Janeiro, na hora mencionada. (...) As estrelas escolhidas são 21, figurando os 20 estados que constituem a República Brasileira. (...) ”¹⁶

Também algumas festa em comemoração ao aniversário da proclamação da República podem ser analisadas como instrumentos na tentativa de construção de um sentimento de pertencimento por parte do povo, alheio ou descontente, em relação à República Brasileira. Refiro-me especificamente àquelas festas que pretendiam se adornar de um caráter mais popular, como os jornais não deixam de registrar anualmente:

“Foi uma festa simpática, com feição popular e extraordinariamente concorrida”¹⁷

“Foi requisitado também que as empresas de trem e bondes oferecessem transporte gratuito para professoras e alunos da rede municipal no dia 15”¹⁸

“Estão sendo realizadas importantes festas populares comemorativas da República”¹⁹

Os esforços voltados à legitimação da República foram, ao longo e principalmente nos seus primeiros anos, diversos e intensos no objetivo de conquistar e construir da forma mais conveniente o imaginário coletivo brasileiro. Contudo, vale registrar que este não foi um percurso fácil dada às dificuldades encontradas por esses fundadores na concretização dos seus objetivos. Pelo caminhar atual da pesquisa, podemos concluir que no Brasil, pelas especificidades de sua própria história, a República encontrou graves obstáculos para impor-se em setores amplos da sociedade brasileira.

¹⁶ O Paiz, 1891. “Salão do País”

¹⁷ Jornal do Commercio, 16 de novembro de 1890, Gazetilha

¹⁸ Jornal do Commercio, 14 de novembro de 1891, Intendência Municipal

¹⁹ O Paiz, 16 de novembro de 1902, Telegramas

Anexo I – Organização dos documentos recolhidos pelo grupo à luz dos textos teóricos e chaves de interpretação.

República, republicanismo, civilização

Sentimentos, expectativas, aspirações

A aventura e a confusa infância republicana (**Renato Lessa**):

- Renato Lessa: Ausência de uma maior incorporação da *demos*, falta de um *projeto*, proliferação da incerteza e de descontentes (anarquia estadual, tensão entre governo e Congresso, militares x civis, jacobinos x legalistas, exército x marinha, federalistas x hiperfederalistas), ausência de rotina institucional, instabilidade, hiperpolitização das forças armadas.
- José Murilo: O povo assistiu “bestializado” e “esta não é a república dos meus sonhos”.

• 1890

Marechal Deodoro da Fonseca é o primeiro presidente da república, chefe de um governo provisório.

- FESTEJOS: Os festejos em comemoração ao primeiro aniversário da república se dão em diferentes bairros, em diversos pontos do país e também encontramos a presença do estrangeiro, revelando-se em um caráter cosmopolita - S. Luiz do Maranhão (JC, 8 e 14 de nov.), S. Cristovão (JC, 8 e 9 de nov.), Buenos Aires (JC, 10, 15 e 16 ; O Paiz, 11 de nov.), Santa Thereza (JC, 12 e 15 de nov.), Petrópolis (JC, 14 de nov.), S. Paulo (JC, 15 e 16 de nov.), Macaé (JC, 15 de nov.), Paraíba (JC, 16 de nov.), S Salvador (JC, 16 de nov.), Vitória (JC, 16 de nov.), Santos (JC, 16 de nov.), Lisboa (JC, 16; O Paiz, 13 de nov.), Pará (O Paiz, 13 de nov.), Porto Alegre (O Paiz, 13 de nov.). Variam entre paradas militares, bailes e até mesmo uma corrida no Hipódromo Nacional. Os festejos contam sempre “com todo o brilhantismo” afim de “ser comemorado o faustoso acontecimento” (JC, 12 de nov.). Ao lado de um caráter elitista e militar o lúdico também encontra lugar neste clima festivo, com direito a banda, fantasias e outros ornamentos (O Paiz, 13 de nov.), inclusive seguido da assinatura de um “povo bestificado”. Podemos encontrar também a tentativa de incorporação popular nessas comemorações: “algumas músicas militares, a pedido da intendência municipal, que por seu lado fará festejos populares, tocarão em coretos levantados na praça da República e em outros lugares” (JC, 11 de nov.); inscrições em eventos para crianças (JC e O Paiz, 10 de nov.).

- O BRASIL NO EXTERIOR: Encontramos matérias dando importância à imagem da República Brasileira no exterior, como no jornal português *O Século* (O Paiz, 13 de nov.), sendo considerado de um programa “democrático e adiantado”. O dia 15 de novembro foi decretado feriado em toda República Argentina pelo governo (JC, 13 de nov.). Relata-se também a presença de jornalista argentino no Brasil (O Paiz, 13 de nov.). A imagem da República no exterior é reclamada pelo generalíssimo no rascunho de seu discurso: “O estabelecimento da República brasileira no ano passado foi mal

interpretado na Europa, onde recebeu a qualificação de sedição militar” (JC, 13 de nov.).

- FRENTE ÀS COMEMORAÇÕES QUE SE APROXIMAM: “Tudo agita-se, e espera-se que a celebração do aniversário da República será digna de um povo que sabe amar a liberdade e tem fé na sua estrela” (JC, 8 de nov.). Os mais brilhantes festejos continuam a ser organizados “de modo a ficar mais opoente a comemoração do mais grandioso dia do Brasil” (JC, 8 de nov.), porém “a maior festa para a nação há de ser a constituição da legalidade” (JC, 11 de nov.). Encontra-se um caráter assistencialista pré-comemorações com os donativos distribuídos pelas viúvas pobres da freguesia da Glória (JC, 12 de nov.). Exige-se em uma reportagem (O Paiz, 12 de nov.) que as moças de bom gosto se apresentem na festa que aproxima com uma vestimenta específica, visto que “o progresso torna-se sensível de dia a dia”.

- IMAGENS DO MOVIMENTO DE 1889: O 15 de novembro de 1889 visto como uma transformação improvisada das instituições. A imagem da república é associada à ordem e tranqüilidade (JC, 15 de nov.). Ou ainda a república teria sido resultado de um “entusiasmo sombrio de executores do destino”, que “precipitavam-se bradando as armas, caminho do desconhecido, os soldados da revolução” (JC, 15 de nov.). À república teria sido entregue um país desorganizado, faltando-lhe os aparelhos necessários para entrar na posse do regime (O Paiz, 10 de nov.). “A república veio no Brasil por causas naturais” e seus sintomas já eram acentuados há bastante tempo (JC, 13 de nov.).

- CONCEPÇÕES DE REPÚBLICA: A república muitas vezes é associada à idéia de legalidade e baseada na importância da constituição: “A maior festa para a nação há de ser a constituição da legalidade” (JC, 11 de nov.); uma república “sob a inspiração de uma constituição sábia” (JC, 13 de nov.). É também, algumas vezes, associada à liberdade: uma liberdade de fato de direito (JC, 15 de nov.); Deodoro teria aberto “o caminho da liberdade para a nossa pátria”, vista como uma asa da consciência humana. A razão seria a segunda asa dessa consciência. (JC, 15 de nov.). Em um telegrama podemos observar em uma citação de Assis Brazil a relação feita entre o governo republicano e à idéia de civilização: “Os argentinos e os brasileiros são sempre unidos porque ambos trabalham para a liberdade e a civilização.” (JC, 16 de nov.); e a importância de se sermos homens “livres e altivos” (O Paz, 12 de nov.). A república é também associada à ordem, o que poderia servir de base para críticas feitas à anarquia: “a defesa imperturbável e vigilante da ordem”, um “título de verdadeira e pura glória” (JC, 15 de nov.). Essa poderia ser a idéia presente por trás do chamado aos operários: “Afastai-vos aos vossos lares, que embora humildes (...)”. Tirar esses operários das ruas poderia ser uma forma de evitar a temida anarquia. E, como crítica a essas faltas, reclama a república federal, que “nem impede a anarquia, nem funda a liberdade” (O Paiz, 10 de nov.).

- EXPECTATIVAS E ASPIRAÇÕES REPUBLICANAS: Encontramos a idéia de que a república só será verdadeira quando entrar no regime de liberdade e legalidade e a expectativa da proximidade desse momento. O empenho para essa realização acreditam ser “comum de governantes e governados”. “A este belo espetáculo a nação assistirá com júbilo incomparável” (JC, 15 de nov.). O povo republicano “tem fé na sua estrela” e espera a “constituição da legalidade”, a maior festa para esta nação (JC, 11 de nov.). O intuito é de “estabelecer firmemente o regime republicano (...), e espera que agora a

república, organizada sob a inspiração de uma constituição sábia, prossiga nesta gloriosa obra.” (JC, 13 de nov.). “Desde 15 de novembro de 89, já podem os mais incrédulos Ter certeza de que somos um povo capaz de República. Capaz propriamente no que diz respeito ao povo e capaz no que diz respeito ao governo.” (JC, 15 de nov.). Exatamente porque a república “nem impede a anarquia, nem funda a liberdade”, Erasmo (O Paiz, 10 de nov.) afirma que “a República federal, sem imediata existência autonômica, não passa de um belo organismo, de movimentos desconectos e disparatos”. O autor do artigo aspirava por uma centralização para a consolidação dessa república.

- TENTATIVA DE FUNDAÇÃO DA REPÚBLICA: O rascunho do discurso do marechal Deodoro como tentativa de fundação: lembra dos seus serviços imorredouros em prol da pátria na guerra do Paraguai; da revolução e de sua “direção pacífica e ordeira”; “alude com constrangimento de coração ao ato do banimento de ex-imperador”; afirma que “a república veio no Brasil por causas naturais”; que seu estabelecimento foi “mal interpretado na Europa”; e seu desejo de “que agora a república, organizada sob a inspiração de uma constituição sábia, prossiga nesta gloriosa obra.” (JC, 13 de nov.).

● 1891

Marechal Deodoro da Fonseca é o presidente da república, chefe de um governo provisório. A 3 de novembro fecha o congresso e vira ditador, decretando o estado de sítio e a censura à imprensa. (Jornal do Brasil, 1989)

- FESATEJOS: “A parte principal dos festejos (...) é inquestionavelmente a grande parada de todas as forças da guarnição” (O Paiz, 12 de nov.). Seria promovida pela intendência municipal um banquete em comemoração ao aniversário da república (JC, 14 de nov.). Encontramos, assim como no último ano, uma grande atenção dada à importância e conseqüente tentativa de incorporação popular nessas festividades: “correram muito animadas e com grande regozijo popular as festas do segundo aniversário da proclamação da república” (O Paiz, 16 de nov.); “foi requisitado também que as empresas de trens e bondes oferecessem transporte gratuito para professoras e alunos da rede municipal no dia 15” (JC, 14 de nov.). É anunciado ainda o baile da Sociedade Enterpe Comercial Tenentes do Diabo, com entrada franca (JC, 14 de nov.). São encontradas também notícias de homenagens à figura do generalíssimo, como um busto de bronze e um retrato a óleo no tamanho natural (JC, 14 de nov.). Continua sendo dada importância à iluminação para o dia 15 de novembro. Não encontramos mais notícias sobre delegações de outros países no Brasil, assim como da comemoração do aniversário da República no exterior. Não vemos também o caráter assistencialista pré-comemorações que existiu no ano de 1890.

- O BRASIL NO EXTERIOR: A imagem da República Brasileira na França é reclamada pelos nossos jornalistas: “os jornais parisienses de informação política e de maior *réclame* apenas publicam as mais fantasiosas notícias do Brasil, sobre revoluções sanguinolentas (...)” (O Paiz, 13 de nov.). O Brasil se declara como “amigo dedicado da França, uma terra composta de homens da mesma raça, da mesma crença, quase do mesmo temperamento, governado por instituições políticas idênticas, e onde todos aprendem a soletrar pelos livros dos escritores aplaudidos da academia de Paris”. E, então, conclui: “Fazer a propaganda do Brasil na Europa é uma obra de patriotismo”.

- FRENTE ÀS COMEMORAÇÕES QUE SE APROXIMAM: Não encontramos mais os sentimentos frente às comemorações do aniversário da República, mas somente as programações festivas de tal data.

- IMAGENS DO MOVIMENTO DE 1889: A proclamação da República é associada à imagem dos militares de 1889, de quem deveriam se orgulhar seus netos (JC, 15 de nov.). Idéia de fatalidade (O Paiz, 15 de nov.).

- CONCEPÇÕES DE REPÚBLICA: A República é associada à luz e brilhantismo (JC, 15 de nov.). Encontramos a afirmação de que já é dia de independência dos brasileiros, seguindo também a idéia de República como libertação. “O intransigente amigo da liberdade e fundador da democracia na América (...)” (O Paiz, 12 de nov.) – associação à liberdade e à democracia. As Repúblicas da América são encaradas como uma grande família, sendo a brasileira irmã da norte-americana (JC, 15 de nov.). Ou ainda essa República é idealizada como “forte, unida e livre pela união de todos os estados e de todos os brasileiros” (O Paiz, 16 de nov.). A idéia da necessidade de educação das classes diretoras também é associada à imagem de República (O Paiz, 13 de nov.).

- EXPECTATIVAS E ASPIRAÇÕES REPUBLICANAS: É chamada a atenção para a necessidade de calma e prudência para a “implantação definitiva do regime republicano”. Por isso não se deve perturbar a ordem e despertar “os instintos revolucionários adormecidos nas grandes massas populares”, dessa forma não violando os costumes e as antigas tradições do país (O Paiz, 12 de nov.).

- MODERNAS TRADIÇÕES: As virtudes clássicas, como a calma e a prudência, são elogiados nessa República (O Paiz, 12 de nov.). Um artigo de jornal é assinado por *Themis*, a justiça clássica (O Paiz, 12 de nov.). E mesmo que diminuindo o brilhantismo do Apolo grego quando comparado à República, é utilizada a imagem clássica no imaginário que se tenta formar do Brasil de 1891 (JC, 15 de nov.).

- FECHAMENTO DO CONGRESSO: “o Presidente da República, a bem de altos interesses do país, e à vista das circunstâncias em que este se acha, decretou a dissolução do congresso nacional”. Encontra a idéia de uma nação em paz, tranqüilidade e de que a “dissolução do congresso tem sido bem recebida” (JC, 14 de nov.). “Congratulo-me com V. Ex. e o benemérito generalíssimo Deodoro pela atitude enérgica e patriótica, dissolvendo o congresso nacional”, e ainda: “continua sem alteração a ordem pública. Perfeita calma e tranqüilidade geral” (O Paiz, 14 de nov.). Vemos o resultado da censura à imprensa com o fechamento no jornal *O Tempo* (JC, 15 de nov.).

- TENTATIVA DE FUNDAÇÃO: As modificações na bandeira nacional de acordo com a cara do país no dia da proclamação da República (O Paiz, 15 de nov.). O presidente da República é saudado como “herói e iminente patriota” (O Paiz, 16 de nov.). A imagem de Tiradentes como a de um herói nacional foi utilizada como instrumento na tentativa de fundação de República (JC, 15 de nov.).